

Domingo da Sagrada Família de Jesus, Maria e José Ano C – 29 dezembro 2024



Viver a Palavra

A celebração do Natal do Senhor coloca-nos de olhos postos no Presépio de Belém contemplando Deus que se faz homem na fragilidade e na debilidade da nossa natureza, mas também na beleza e na ternura de um recém-nascido que se faz sinal e presença do amor de Deus no coração da humanidade.

Contemplando este Menino que nasce para nós, contemplamos Maria e José. Maria que no Seu sim total e disponível acolheu o projeto do Altíssimo e José que com total confiança acolheu o sonho de Deus e aceitou ser guarda e protetor do Menino e de Sua Mãe. Deste modo, no Domingo dentro da Oitava do Natal somos convidados a dar graças pelo dom da família de Nazaré como modelo de vida familiar. Queremos aprender com Maria, José e o Menino, para que também cada um de nós e cada família se tornem um lugar de acolhimento dos projetos e sonhos de Deus.

Apontar a Família de Nazaré como modelo de vida familiar não pode ser de modo nenhum a apresentação de um modelo idílico e inalcançável de vida conjugal, pois como recorda o Papa Francisco na sua exortação apostólica sobre a família, muitas vezes *«apresentámos um ideal teológico do matrimónio demasiado abstrato, construído quase artificialmente, distante da situação concreta e das possibilidades efetivas das famílias tais como são. Esta excessiva idealização, sobretudo quando não despertámos a confiança na graça, não fez com que o matrimónio fosse mais desejável e atraente; muito pelo contrário»* (AL 36). Deste modo, eliminando qualquer visão idílica da Família de Nazaré, devemos tomar consciência que através de uma história humaníssima, marcada também por sofrimentos e cansaços, se desenvolve a humanidade livre e libertadora do amor de Jesus.

Tal como nos recorda a Liturgia da Palavra deste Domingo e, de modo particular o texto evangélico, a Família de Nazaré não é para nós um modelo de vida familiar porque a sua vida foi isenta de dificuldades e desafios, mas porque, não obstante todos os desafios e dificuldades, foram fiéis ao desígnio de Deus. Por isso, celebrar a festa da Sagrada Família é a ocasião privilegiada para agradecer a Deus o dom da vida familiar como lugar quotidiano da procura da vontade de Deus.

A família cristã, enquanto Igreja Doméstica, é lugar privilegiado para o encontro com Deus e os irmãos, lugar onde aprendemos a amar e a cuidar, a acolher Jesus e a levá-Lo aos outros. Por isso, no coração da vida familiar deve estar presente o gesto agradecido de Ana que tendo concebido e dado à luz o seu filho Samuel o confia ao Senhor: *«eu o ofereço para que seja consagrado ao Senhor todos os dias da sua vida»*. Na verdade, a vida é um dom a agradecer e a consagrar ao Senhor como lugar de serviço a Deus e aos irmãos.

Este mesmo dinamismo que deve caracterizar a família cristã está presente no Evangelho na peregrinação anual a Jerusalém pela festa da Páscoa. Esta imagem da família peregrina recorda-nos que a família é um lugar permanente de peregrinação em duas direções: rumo a Jerusalém, isto é, para as coisas de Deus e, em seguida, rumo a Nazaré, símbolo da vida quotidiana e da atenção aos outros.

Deste modo, a Igreja, Família de famílias, tem a exigente tarefa de ser Mãe e Mestre. Mãe que a todos acompanha, integra e acolhe e Mestre exigente que aponta o caminho da vida familiar como lugar de realização e felicidade contemplando o modelo do lar de Nazaré. **in Voz Portucalense.**

+++++

«Nós, pastores, devemos animar as famílias a crescerem na fé. Para isso, é bom incentivar a confissão frequente, a direção espiritual, a participação em retiros. Mas há que convidar também a criar espaços semanais de oração familiar, porque «a família que reza unida permanece unida» (AL 227). A celebração da Festa da

idade ou a doença trouxeram limitações. No entanto, do ponto de vista de Deus, nenhum ser humano é “descartável”, ou estará alguma vez fora do prazo de validade. Não podemos admitir – com a nossa indiferença ou com o nosso silêncio cúmplice – que as pessoas em situação de fragilidade sejam abandonadas na berma da estrada, sempre que o mundo caminha a um ritmo que elas não podem acompanhar. Temos consciência disto?

- É verdade que a vida de hoje é muito exigente a nível profissional e que nem sempre é possível a um filho estar presente ao lado de um pai que precisa de cuidados continuados ou de acompanhamento especializado. No entanto, se alguma vez as circunstâncias impuserem a necessidade de afastamento de um pai idoso ou descapacitado do ambiente familiar, isso não pode significar abandono e condenação à solidão. Seremos sempre responsáveis por aqueles que cativamos, e ainda mais por aqueles que foram, para nós, instrumentos do Deus criador e fonte de vida. Sentimo-nos responsáveis pelo bem-estar dos nossos pais, dos nossos avós, das pessoas idosas ou doentes que fazem parte da nossa história de vida?
- O capital de maturidade e de sabedoria de vida que os mais idosos possuem é considerado por nós uma riqueza ou um desafio ridículo à nossa modernidade e às nossas certezas?
- Face à invasão contínua de valores estranhos que, tantas vezes, põem em causa a nossa identidade cultural e religiosa (quando não a nossa humanidade), o que significam os valores que recebemos dos nossos pais? Avaliamos com maturidade a perenidade desses valores, ou estamos dispostos a renegá-los ao primeiro aceno dos “valores da moda”? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 127 (128)

**Refrão 1: Felizes os que esperam no Senhor,
e seguem os seus caminhos.**

**Refrão 2: Ditosos os que temem o Senhor,
ditosos os que seguem os seus caminhos.**

**Feliz de ti, que temes o Senhor
e andas nos seus caminhos.**

**Comerás do trabalho das tuas mãos,
serás feliz e tudo te correrá bem.**

**Tua esposa será como videira fecunda
no íntimo do teu lar;**

**teus filhos serão como ramos de oliveira
ao redor da tua mesa.**

Assim será abençoado o homem que teme o Senhor.

De Sião te abençoe o Senhor:

**vejas a prosperidade de Jerusalém
todos os dias da tua vida.**

LEITURA II – Colossenses 3,12-21

Irmãos:

**Como eleitos de Deus, santos e prediletos,
 revesti-vos de sentimentos de misericórdia,
 de bondade, humildade, mansidão e paciência.**

**Suportai-vos uns aos outros e perdoai-vos mutuamente,
 se algum tiver razão de queixa contra outro.**

**Tal como o Senhor vos perdoou,
 assim deveis fazer vós também.**

**Acima de tudo, revesti-vos da caridade,
 que é o vínculo da perfeição.**

**Reine em vossos corações a paz de Cristo,
 à qual fostes chamados para formar um só corpo.**

E vivei em ação de graças.

**Habite em vós com abundância a palavra de Cristo,
 para vos instruídes e aconselhades uns aos outros
 com toda a sabedoria;**

**e com salmos, hinos e cânticos inspirados,
 cantai de todo o coração a Deus a vossa gratidão.**

**E tudo o que fizerdes, por palavras ou por obras,
 seja tudo em nome do Senhor Jesus,**

**dando graças, por Ele, a Deus Pai.
Esposas, sede submissas aos vossos maridos,
como convém no Senhor.
Maridos, amai as vossas esposas
e não as trateis com aspereza.
Filhos, obedecei em tudo a vossos pais,
porque isto agrada ao Senhor.
Pais, não exaspereis os vossos filhos,
para que não caiam em desânimo.**

CONTEXTO

A Igreja de Colossos, destinatária desta carta, foi fundada por Epafras, um amigo de Paulo, pelos anos 56/57. Tanto quanto sabemos, Paulo nunca visitou a comunidade...

Hoje, não é claro para todos que Paulo tenha escrito esta carta (o vocabulário utilizado e o estilo do autor estão longe das cartas indiscutivelmente paulinas; também a teologia apresenta elementos novos, nunca usados nas outras cartas atribuídas a Paulo); por isso, é um pouco difícil definirmos o ambiente em que este texto apareceu...

Para os defensores da autoria paulina, contudo, a carta foi escrita quando Paulo estava prisioneiro, possivelmente em Roma (anos 61/63). Epafras teria visitado o apóstolo na prisão e deixado notícias alarmantes: os Colossenses corriam o risco de se afastar da verdade do Evangelho, por causa das doutrinas ensinadas por certos doutores de Colossos. Essas doutrinas misturavam práticas legalistas (o que parece indicar tendências judaizantes) com especulações acerca do culto dos anjos e do seu papel na salvação; exigiam um ascetismo rígido e o cumprimento de certos ritos de iniciação, destinados a comunicar aos crentes um conhecimento mais adequado dos mistérios ocultos e levá-los, através dos vários graus de iniciação, à vivência de uma vida religiosa mais autêntica.

Sem refutar essas doutrinas de modo direto, o autor da carta afirma a absoluta suficiência de Cristo e assinala o seu lugar proeminente na criação e na redenção dos homens.

O texto que nos é hoje proposto pertence à segunda parte da carta. Depois de constatar a supremacia de Cristo na criação e na redenção (primeira parte), o autor avisa os Colossenses de que a união com Cristo traz consequências a nível de vivência prática (segunda parte): implica a renúncia ao “homem velho” do egoísmo e do pecado e o “revestir-se do Homem Novo” (Cl 3,9-11 *in Dehonianos*)

INTERPELAÇÕES

- A nossa vida de todos os dias é, a cada instante, marcada por tensões, ansiedades, conflitos e problemas que mexem com o nosso equilíbrio e a nossa harmonia. Perdemos o controlo, tornamo-nos quezilentos e conflituosos, criticamos os outros com palavras que magoam, assumimos poses de arrogância e de superioridade, enchemos as redes sociais com comentários infelizes... Talvez nos faça bem cada dia, em jeito de exame de consciência, reservar um momento para olhar para Jesus e para confrontar os nossos gestos, as nossas palavras, as nossas escolhas com os gestos, as palavras e as suas opções. Admitimos que esse “confronto” pode ajudar-nos a situar as perspetivas e a recentrar a nossa vida “em Cristo”?
- A nossa primeira responsabilidade vai, evidentemente, para aqueles que conosco partilham, de forma mais chegada, a vida do dia a dia (a nossa família). Esse amor, que deve revestir-nos sempre, traduz-se numa atenção contínua àquele que está ao nosso lado, às suas necessidades e preocupações, às suas alegrias e tristezas, aos seus sorrisos e às suas lágrimas? Traduz-se em gestos sentidos e partilhados de carinho e de ternura? Traduz-se num respeito absoluto pela liberdade e pelo espaço do outro, por deixar o outro crescer sem o sufocar? Traduz-se na vontade de servir o outro, sem nos servirmos dele?
- A expressão “esposas, sede submissas aos vossos maridos” é, evidentemente, uma expressão anacrónica, que deve ser devidamente contextualizada no universo cultural e social do séc. I, mas que hoje não faz sentido. Para os que vivem “em Cristo”, o valor que preside às relações é o amor... E o amor não comporta submissão ou superioridade, mas igualdade fundamental em dignidade e direitos. O mesmo Paulo dirá, noutras circunstâncias, que para os que vivem “em Cristo” “não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher”, porque todos são um só em Cristo Jesus (Gl 3,28). É este o horizonte em que vivemos e caminhamos? Alguma vez tratamos com sobrançeria e superioridade as pessoas que caminham ao nosso lado? *in Dehonianos*.

EVANGELHO – Lucas 2,41-52

**Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém,
pela festa da Páscoa.**

Quando Ele fez doze anos,
subiram até lá, como era costume nessa festa.
Quando eles regressavam, passados os dias festivos,
o Menino Jesus ficou em Jerusalém,
sem que seus pais o soubessem.
Julgando que Ele vinha na caravana,
fizeram um dia de viagem
e começaram a procurá-l'O entre os parentes e conhecidos.
Não O encontrando,
voltaram a Jerusalém, à sua procura.
Passados três dias,
encontraram-n'O no templo,
sentado no meio dos doutores,
a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas.
Todos aqueles que O ouviam
estavam surpreendidos com a sua inteligência e as suas respostas.
Quando viram Jesus, seus pais ficaram admirados;
e sua Mãe disse-Lhe:
«Filho, porque procedeste assim connosco?
Teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura».
Jesus respondeu-lhes:
«Porque Me procuráveis?
Não sabíeis que Eu devia estar na casa de meu Pai?»
Mas eles não entenderam as palavras que Jesus lhes disse.
Jesus desceu então com eles para Nazaré
e era-lhes submisso.
Sua Mãe guardava todos estes acontecimentos em seu coração.
E Jesus ia crescendo em sabedoria, em estatura e em graça,
diante de Deus e dos homens.

CONTEXTO

O interesse fundamental dos primeiros cristãos não se centrou na infância de Jesus, mas na sua mensagem e proposta; por isso, a catequese cristã dos primeiros tempos interessou-se, de forma especial, por conservar as memórias da vida pública e da paixão do Senhor.

Só num estádio posterior houve uma certa curiosidade acerca dos primeiros anos da vida de Jesus. Coligiram-se, então, algumas informações históricas sobre a infância de Jesus; e esse material foi, depois, amassado e trabalhado, de forma a transmitir aquilo que a catequese primitiva ensinava sobre Jesus e o seu mistério. O chamado “Evangelho da Infância” (o texto evangélico que a liturgia nos propõe na Festa da Sagrada Família é precisamente o final do “Evangelho da Infância”) assenta nessa base; parte de algumas indicações históricas e desenvolve uma reflexão teológica para explicar quem é Jesus. Nesta secção do Evangelho, Lucas está muito mais interessado em dizer quem é Jesus, do que em contar-nos factos memoráveis da sua infância.

O nosso texto começa por referir uma peregrinação que Maria, José e Jesus fizeram a Jerusalém, por altura da celebração da festa da Páscoa, quando Jesus tinha doze anos. A Lei judaica pedia que os homens de Israel fossem três vezes por ano a Jerusalém, por alturas das três grandes festas de peregrinação (Páscoa, Pentecostes e Festa das Cabanas – cf. Ex 23,14-17; 34,22-23; Dt 16,16). A legislação posterior, apresentada na Mishná (o texto que recolhe a tradição oral judaica), considerava que os homens judeus estavam obrigados à observância da Tora a partir dos treze anos (altura em que celebravam o “bar mitzvá”, a cerimónia que os define como adultos, capazes de assumir a sua responsabilidade na comunidade do Povo de Deus). Há razões para pensarmos que alguns aspetos dessa regulamentação eram já aplicados na época de Jesus. Não sabemos, no entanto, se a vinda de Jesus a Jerusalém, com Maria e com José, está relacionada com essa obrigação ou, simplesmente, com o costume seguido por certas famílias muito religiosas, que envolviam os seus filhos, desde tenra idade, nas celebrações mais importantes da fé judaica.

As festas da Páscoa prolongavam-se habitualmente por oito dias. É de crer que, durante esses dias, Jesus e a sua família tivessem passado longas horas no Templo, o verdadeiro centro da vivência religiosa judaica. Nos pórticos do Templo, os rabis e os escribas discutiam e explicavam as Escrituras, recitavam orações, e davam aos peregrinos piedosos conselhos.

É no cenário de Jerusalém e do Templo que Lucas situa as primeiras palavras pronunciadas por Jesus no seu Evangelho: “porque Me procuráveis? Não sabíeis que Eu devia estar na casa de meu Pai?”. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- A “fuga” de Jesus ao controle de Maria e de José para ficar em Jerusalém a escutar os mestres da Lei que ensinavam nos átrios do Templo parece-nos desconcertante, no contexto de um projeto familiar maduro, responsável e harmonioso. Configura uma “crise” familiar? Não. Mas revela uma realidade: na Sagrada Família de Nazaré, Deus é a prioridade. Jesus, pelos doze anos, já estava bem ciente disso. Foi algo que, com toda a certeza, Maria e José ensinaram ao jovem Jesus. Por isso em Jerusalém, “encantado” com a possibilidade de aprofundar os seus conhecimentos sobre a Palavra de Deus, Jesus deixou-se ficar no Templo. Deus tem um lugar central no projeto de vida da Família de Nazaré. Que importância é que Deus assume na vida das nossas famílias? Deus é a prioridade, a referência suprema? Nas nossas famílias cuida-se da fé e da sua vivência? Aprende-se a rezar? Procura-se que cada pessoa cresça numa progressiva sensibilidade à Palavra de Deus e aos desafios de Deus? Encontramos tempo para reunir a família à volta da Palavra de Deus e para partilhar, em família, a Palavra de Deus?
- Jesus tinha doze anos quando foi a Jerusalém em peregrinação para celebrar a Páscoa. Maria e José quiseram que Jesus, desde muito novo, participasse nos grandes momentos da celebração da fé do seu Povo. Consideraram que isso fazia parte da sua responsabilidade enquanto pais profundamente crentes. Nas nossas famílias cristãs há normalmente uma legítima preocupação com o proporcionar a cada criança condições ótimas de vida, de educação, de acesso à instrução e aos cuidados essenciais.... Haverá sempre uma preocupação semelhante no que diz respeito à formação para a fé e em proporcionar aos filhos uma verdadeira educação para a vida cristã e para os valores de Jesus Cristo? Os pais cristãos preocupam-se sempre em proporcionar aos seus filhos um exemplo de coerência com os compromissos assumidos no dia do Batismo? Preocupam-se em ser os primeiros catequistas dos próprios filhos, transmitindo-lhes os valores do Evangelho? Preocupam-se em acompanhar e em potenciar a formação e a caminhada catequética dos próprios filhos, em inseri-los numa comunidade de fé, em integrá-los na família de Jesus?
- Quando numa família Deus “conta”, os valores de Deus passam a ser, para todos os membros daquela comunidade familiar, as marcas que definem o sentido da existência. O espaço familiar torna-se, então, a escola onde se aprende o amor, a solidariedade, a partilha, o serviço, o diálogo, o respeito, o perdão, a fraternidade universal, o cuidado da criação, a atenção aos mais frágeis, o sentido do compromisso, do sacrifício, da entrega e da doação... Procuramos que a nossa comunidade familiar seja uma “escola de valores” onde todos possam aprender os valores que dão sentido à existência? Procuramos, no contexto da nossa comunidade familiar, preparar cada um dos seus membros para ser um cidadão responsável e consciente, capaz de se comprometer na construção de um mundo mais justo, mais verdadeiro, mais humano?
- Maria e José “não entenderam as palavras que Jesus lhes disse” quando o questionaram em Jerusalém. Provavelmente só as entenderam mais tarde, depois de terem percebido que Jesus tinha agido de acordo com os princípios religiosos que Lhe transmitiram. No entanto, apesar de não terem percebido, não fizeram “cenas” nem assumiram qualquer atitude drástica de condenação do comportamento do jovem Jesus. Como é que os pais reagem quando os seus filhos começam a dar sinais de uma identidade própria e de um projeto de vida que não coincide exatamente com aquilo com que os pais pensam e sonham? Com intransigência, crítica e condenação, ou com compreensão, com respeito e com amor? A comunidade familiar potencia o nosso crescimento, abrindo-nos horizontes e levando-nos ao encontro do mundo, ou fecha-nos num espaço cómodo mas limitado, onde nos mantemos eternamente dependentes?
- Jesus, depois daquela “aventura” em Jerusalém, veio com Maria e José para a casa da família em Nazaré e “era-lhes submisso”. Isso significa que respeitava os pais, acolhia os seus ensinamentos, ajudava-os, obedecia-lhes, acompanhava-os com o seu afeto e com a solicitude que os filhos devem aos pais. É dessa forma que tratamos os nossos pais, mesmo quando eles têm dificuldade em aceitar a nossa visão da vida e do mundo, ou quando eles já não podem trabalhar e precisam de cuidados e de atenção especial?
- Maria “guardava todos estes acontecimentos em seu coração”. De certeza que pensava longamente nos “acidentes” da vida, procurando entender o significado das coisas à luz de Deus e do seu projeto. Aos poucos, meditando sobre as coisas, ia entendendo o projeto de Deus e preparando o seu coração para o acolher e para viver de acordo com ele. É assim que vivemos, refletindo sobre as coisas, “amadurecendo-as” no coração, confrontando-as com a Palavra de Deus, procurando encontrar o sentido daquilo que a vida nos traz?
- Vivemos num tempo difícil, que não favorece a construção de um projeto familiar coerente com os valores de Deus. Muitos pais, afundados em mil dificuldades, ultrapassados por uma sociedade de egoísmo, de bem-estar, de indiferença, de incredulidade, não sabem como agir no sentido de oferecer aos filhos uma educação responsável, sã, solidária, coerente com a fé cristã. Não poderiam e não deveriam receber, no exercício da sua missão de educadores, uma ajuda mais concreta e

eficaz a partir das comunidades cristãs? Que apoio é que a comunidade cristã poderá dar aos pais crentes que encontram dificuldades no projeto de educar responsabilmente os seus filhos? *in Dehonianos*

Papa Francisco (*Angelus* de 26 de dezembro de 2021)

No Evangelho vemos que até na Sagrada Família nem tudo corre bem: há problemas inesperados, angústias, sofrimentos. Não existe a Sagrada Família dos santinhos. Maria e José perdem Jesus, procuram-no ansiosamente, e encontram-no depois de três dias. E quando, sentado entre os mestres no Templo, responde que deve cuidar das coisas do seu Pai, não o compreendem. Precisam de tempo para aprender a conhecer o seu filho. Assim também para nós: todos os dias, em família, é preciso aprender a ouvir-se e a compreender-se, a caminhar juntos, a enfrentar conflitos e dificuldades. É o desafio diário, que se vence com a atitude certa, com pequenas atenções, com gestos simples, cuidando dos detalhes das nossas relações. [...] Quantas vezes, infelizmente, dentro de casa nascem e crescem conflitos de silêncios demasiado longos e de egoísmos descuidados! Às vezes chega-se até a violências físicas e morais. Isto dilacera a harmonia e mata a família. Passemos do eu para o tu. O que deve ser mais importante na família, é o tu. E todos os dias, por favor, rezai um pouco juntos, se puderdes fazer o esforço, para pedir a Deus o dom da paz na família. E comprometamo-nos todos - pais, filhos, Igreja, sociedade civil - a apoiar, defender e preservar a família, que é o nosso tesouro! Que a Virgem Maria, esposa de José e mãe de Jesus, ampare as nossas famílias. (*Angelus* de 26 de dezembro de 2021)

Para os leitores:

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)